



Jornalismo, Sociologia e Arte em Edição Temática sobre o Tempo: Revista A Ponte nº 8¹

Caio CASTELO²

Geisa MATTOS³

Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, CE

RESUMO

A oitava edição da revista A Ponte teve como tema o tempo, aproveitando a oportunidade trazida pela simbologia do número 8, que lembra uma espiral e uma ampulheta. O tempo, categoria aparentemente simples, mostra-se complexa, quando se notam as múltiplas possibilidades subjetivas e culturais de vivenciá-lo. Para elaborar as pautas das reportagens, os alunos foram instigados por textos de sociólogos, historiadores, antropólogos e artistas que refletem, a partir de diferentes perspectivas, sobre a passagem do tempo. O desafio se estendeu à produção dos textos, das fotografias e do *design* das páginas, os quais buscaram refletir os vários significados e nuances do tema, utilizando-se de pesquisas em linguagem artística. O trabalho foi elaborado pelos estudantes do Curso de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, sob a orientação dos professores.

PALAVRAS-CHAVE: revista impressa; tempo; *newsmaking*; fotografia; *design*

INTRODUÇÃO

O Jornalismo tem sido comumente acusado de superficialidade na abordagem dos temas de que se ocupa. Os motivos apontados para o problema são a pressa tida como necessária à apuração e a formação dos estudantes nos Cursos de Jornalismo, a qual tem enfatizado mais a produção técnica do que a habilidade de formular um pensamento complexo.

Com isso, a mídia tem apresentado com frequência um conjunto de fragmentos, estereótipos e lugares-comuns, que muitas vezes não fazem justiça à inteligência e sensibilidade dos leitores. Ao impresso, principalmente, – cujas exigências mercadológicas tem sido cada vez maiores para fazer face à informação mais ágil e econômica disponível na televisão e na internet – impõe-se a necessidade de rever suas práticas. Para os Cursos de Jornalismo, o dever é reavaliar a formação dada aos

¹ Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria B: Jornalismo, modalidade B1.1: processo Impresso, como representante da Região Nordeste.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNIFOR, email: caio_benevides_1@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNIFOR, email: geisamattos@bol.com.br



estudantes, a fim de torná-los capazes de atender às demandas do público mais exigente, que ao comprar jornais e revistas, busca análises, reflexões e interpretações, e não apenas “fatos” contidos em “fôrmas”.

Assim, um desafio que se coloca aos professores que fazem a coordenação editorial da revista A Ponte, do Curso de Jornalismo da UNIFOR, é o de produzir e editar uma revista que possibilite aos alunos a elaboração de reflexões mais aprofundadas sobre temas complexos, ao invés de simplesmente aprenderem “técnicas de editoração”.

Com este propósito, Geísa Mattos e Antônio Simões, professores da disciplina Princípios e Técnicas de Jornalismo Impresso II e responsáveis pela coordenação de produção da revista A Ponte, propuseram aos alunos do semestre 2007.1 o desafio de adotar o tema “tempo” como eixo orientador da produção da publicação número 8.

Todas as pautas foram elaboradas tendo em vista reflexões sobre aspectos subjetivos, culturais, históricos, sociológicos ou físicos da vivência do tempo e que permitissem mostrar a relatividade da idéia de tempo, contrapondo-o ao sentido aparentemente simples e “objetivo”, referido aos relógios e calendários. Os alunos aceitaram a proposta com entusiasmo, engajando-se nas discussões teóricas e nas pesquisas sobre o tema, o que trouxe à tona o desejo de ir além da superficialidade que vem sendo praticada comumente na grande mídia.

2 OBJETIVO

Com a orientação teórico-metodológica da revista A Ponte nº 8 os professores pretenderam, em primeiro lugar, introduzir os alunos na elaboração de reflexões sobre um tema complexo e plural como o tempo, e, por esta via, fornecer mecanismos para operar com relativizações e escapar às já citadas simplificações encontradas no jornalismo atual.

Esta proposta se ancora na perspectiva de Edgar Morin (2003) acerca da “necessidade do pensamento complexo”. Segundo o autor:

“A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso da inteligência total. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e mais viva durante a infância e a adolescência, que, com freqüência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular, ou, caso esteja adormecida, de despertar.”(MORIN, 2003, p. 39)



Ao se referir ao “uso da inteligência total” e ao “livre exercício da curiosidade”, Morin (op.cit.) inspira o objetivo proposto pelos professores orientadores da revista A Ponte, quando buscaram provocar nos estudantes uma reflexão mais ampla sobre uma das categorias-chave de conhecimento do mundo, assim, ampliando seu horizonte de compreensão total.

O segundo objetivo da proposta foi desenvolver aprofundamentos teóricos em torno da temática, evitando estudos fragmentados, montes de cópias em papel que se acumulam ensinando aos estudantes “como fazer”, sem produzir reflexões que os levem a questionar o “como fazer” que se tornou predominante.

Neste sentido, a proposta orientadora da produção da revista visou construir um conhecimento mais consistente em torno de um assunto. Buscou, assim, fornecer uma espécie de “chave de leitura”, principalmente com os instrumentos da antropologia e da sociologia, que pudesse ser utilizável também para outras categorias de conhecimento do mundo – como o espaço, as formas de consumo, os padrões de comportamento –, as quais venham a ser questionadas no dia-a-dia dos futuros jornalistas.

3 JUSTIFICATIVA

O tema adotado para a discussão da revista foi dividido em três tópicos básicos, para fins didático-metodológicos, que serão a seguir descritos e depois desenvolvidos em termos de justificação teórica, relacionando-os com as formas como aparecem nas produções dos alunos na edição da revista:

- I. Tempo e Jornalismo.
 - a) Tempo, tecnologia e linguagem jornalística
 - b) O tempo na apuração jornalística
 - c) Tempo e edição
- II. Tempo e realidade social
 - a) Tempo objetivo e tempo subjetivo – as perspectivas sociológicas e antropológicas
 - b) Memória e tempo social – as perspectivas historiográficas
- III. Expressões do tempo
 - a) As perspectivas de diversas formas de arte (música, literatura, cinema)
 - b) Pesquisas de campo para as reportagens com o objetivo de captar temporalidades e expressá-las de forma sensível



Os tópicos descritos acima não apareceram no decorrer da disciplina em ordem cronológica. As formas de expressão do tempo por meio da arte, por exemplo, vieram em primeiro lugar, como estratégia didática com a qual os professores procuraram conquistar a sensibilidade e o interesse dos alunos para a temática. Foram utilizados contos do escritor Caio Fernando Abreu e a música “Oração ao Tempo”, do compositor Caetano Veloso. Na letra da música de Caetano, que aparece transcrita ao lado de uma ampulheta estilizada na segunda capa da revista⁴, o autor deu o mote para as discussões teóricas que se seguiriam: “por seres tão inventivo e pareceres contínuo/tempo, tempo, tempo, tempo/és um dos deuses mais lindos (....)”.

Já nos contos “Sem Ana, Blues”, “Pêra, Uva, Maçã” e “O Rapaz Mais Triste do Mundo”, de Caio Fernando Abreu, o tempo é elemento fundamental a ser questionado através de seus personagens e situações. Os estudantes leram os contos e discutiram os vários sentidos do tempo que eles propõem. As provocações do escritor tiveram efeito nas produções dos alunos, como se pode ver na crônica de Humberto Torres intitulada “Quando a morte é bela”, publicada na página 80 da edição ora descrita. O estudante cita um outro conto de Caio Fernando Abreu intitulado “O Mar Mais Longe Que Eu Vejo”, sobre uma pessoa que se vê no fim da vida. Humberto, que escolheu a morte como tema de sua reportagem para a revista, também reflete sobre o tema em forma de crônica, de modo a mostrar os vários sentidos que o “fim” de uma vida pode ter, pois no conto de Abreu

“a dor permeia o personagem, sempre lhe fazendo encarar sua situação débil e aprisionadora. Porém a morte também pode ser vista com doçura, como a mãe que acalenta o filho assustado. Assim canta Marisa Monte: ‘é doce morrer no mar/nas ondas verdes do mar/o meu bem foi se afogar/fez sua cama de noivo/no colo de Iemanjá’. São muitas e variadas as percepções que se tem da morte” (TORRES, Revista A Ponte nº 8, nov.2007, p. 80)

Nota-se no exemplo acima como o estudante conseguiu mostrar diversos pontos de vista sobre a morte a partir do trabalho com a literatura. A literatura igualmente inspirou os alunos Bruno Anderson e Rosanni Guerra a refletir sobre como diversos autores reinventam o tempo nas suas narrativas, na reportagem que começa na página 16. O mesmo fez Pery Negreiros, a partir de pauta de Maurício Rocha, em reportagem que reúne exemplos de vários filmes que “brincam” com a idéia do tempo, nas páginas 13 a 15.

⁴ A arte final da letra da música e a ilustração foi feita pelo aluno do Curso de Publicidade, Felipe Vecchio, estagiário da agência do Núcleo Integrado de Comunicação (NIC), a pedido da professora Geisa Mattos, que faz a coordenação editorial da revista.



O cinema também foi a temática escolhida por Renata Gauche, que reflete sobre o tempo no filme de Ruy Vasconcelos, “Uma Encruzilhada Aprazível”, filmado em um lugarejo “de passagem” no interior do Ceará. O diretor, que é também autor do roteiro, procurou refletir sobre “como o tempo está ligado de forma muito forte com a noção de espaço (...) essa forma de construção nunca é algo isolado, só se dá dentro do circuito de interação com outras pessoas.”(VASCONCELOS em entrevista a GAUCHE, Revista A Ponte nº 8 , nov.2007, p. 28).

A preocupação em abordar o conceito de observação participante em sala de aula foi essencial para que os alunos inovassem no aspecto da apuração, refletindo também um outro tempo na prática jornalística. Eles não iam apenas verificar determinado fato, lugar, entrevistar de maneira apressada as pessoas. Ao contrário, os alunos foram orientados a abordar as pessoas a partir da presença atenta e prolongada do repórter nas situações que pretendiam descrever. É a apuração cuidadosa que possibilita as inovações nos textos jornalísticos, que se tornam potencialmente literários e descritivos, como é visto na matéria “Um tempo aprazível”, no parágrafo que antecede a entrevista com o cineasta Ruy Vasconcelos:

“Alguns livros recostados na parede da garagem, uma rede armada ao lado. Uma mesa de plástico com um copo de cerveja em cima – no canto da mesa, seu habitual maço de cigarros. Em contraste com os prédios modernos e o trânsito urbano do centro do bairro Aldeota, Ruy atualmente mora junto com seus pais numa casa construída nos anos 1970 – e desta forma aconchegante, ele constrói com suas palavras pensamentos profundos quanto à sua história pessoal e o conhecimento adquirido durante seus 44 anos de experiências – com um falar calmo, quase que didático.”(GAUCHE, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 28).

O conceito deste tipo de apuração é baseado sobretudo na literatura sociológica, já que no Jornalismo são ainda raros os autores que se dedicaram a refletir sobre tais métodos. Buscamos então suporte teórico em Howard Becker (1994), que assim conceitua o observador participante:

“O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou” (BECKER, 1994, p. 47).

Outros alunos se inspiraram nas reflexões do sociólogo e historiador Nobert Elias (1998) para pesquisar o sentido do tempo na contemporaneidade. As estudantes Marjorie Castro e Regina Paz, no texto que abre a revista, intitulado “O Deus Tempo”,



mostram os resultados de sua pesquisa sobre o mito do Deus grego Chronos, que devorava seus filhos, ao mesmo tempo em que os gerava. As autoras concluem: “Em uma sociedade capitalista como a de hoje, em que o trabalho e acúmulo de capital tornaram-se prioridades, nos sentimos devorados com mais fúria do que nunca por esse deus chamado tempo.” (CASTRO e PAZ, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p.3).

Norbert Elias (op.cit, p. 7-32) mostra que o tempo parece ter existência objetiva, externa a nós, porém na realidade é o resultado de um longo aprendizado humano. O tempo é social, cultural, embora tenha relações com aspectos físicos, biológicos e naturais. É também coercitivo, representa o social atuando sobre os indivíduos e, na sociedade capitalista, adquire o sentido preconizado por Benjamin Franklin, com a famosa expressão “tempo é dinheiro”. Por outro lado, o autor instiga-nos a perceber que esta forma hegemônica de viver o tempo coexiste com outras, já que também vemos, por exemplo, pessoas ocupadas apenas em “passar o tempo”, como os idosos que jogam cartas nas praças da cidade. Que outras formas de viver o tempo existem em nossa sociedade?

As alunas Ivna Girão e Niara Rocha, na reportagem “Contagem Regressiva”, exploraram os significados da passagem do tempo para aqueles que estão por trás das grades. Visitando um presídio masculino, elas mostram que para aqueles homens, “o tempo passa lá fora”, ali dentro eles parecem estar “parados no tempo”, “vendo o tempo passar”. Esta percepção faz com que as repórteres reflitam sobre os processos de punição na nossa sociedade, como escreve Ivna em artigo no final da revista:

“Que tempo é esse que perco para um dia ser livre? É o tempo do tédio, do sofrer, da depressão e da violência que pune e sufoca. É nesse momento de crise instaurada, de presídios superlotados e de desejo de vingança de muitos que são a favor da redução da maioridade penal para 16 anos, que proponho uma reflexão sobre o tempo, não da vida, mas da pena, da punição. É necessário ressocializar esse detento, dar oportunidades, perspectivas, oferecer profissionalização e emprego para que possam ter mais dignidade e auto-estima.” (GIRÃO, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 84)

Uma reflexão como esta mostra que os alunos foram além dos “fatos” para oferecerem interpretações e análises, as quais só são possíveis quando os estudantes acionam ao mesmo tempo suas inteligências e sensibilidades para ver o mundo com outros olhos. Isto se torna ainda mais interessante, quando a mesma aluna e sua colega Niara Rocha afirmam no início de sua reportagem que “até passarmos por essa experiência, não dávamos importância alguma para o tempo dentro dos presídios. Os presidiários são, para a sociedade, como o lixo saindo da frente das portas, sumindo das



vistas, ninguém lembra mais deles.”(GIRÃO e ROCHA, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 34)

Já as reflexões sobre memória social de Ecléa Bosi (2003) serviram de mote para a produção da pesquisa e reportagem de Camila Garcia e Marcelo Andrade sobre o patrimônio arquitetônico de Fortaleza. “Arquitetura, memória e ‘tempos’ compõem uma cidade cuja identificação cultural é marcada pela fragilidade e onde as referências históricas são cada vez mais voláteis diante dos modismos da pós-modernidade” (GARCIA e ANDRADE, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 40).

Bosi (op. cit.) elabora o conceito de “tempos vivos” descrevendo-os como “marcos no espaço onde os valores se adensam”. A pesquisa de Camila e Marcelo mostra que, em Fortaleza, muitos marcos que seriam os nossos “tempos vivos” se perderam. Os estudantes entrevistaram dois historiadores, uma psicóloga e um arquiteto representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico (IPHAN) no Ceará. Esta reportagem inova no aspecto textual, ao introduzir as falas dos entrevistados à maneira do texto televisivo, apresentando-os por completo apenas ao final da reportagem. Os depoimentos, longos, são colocados quase que na íntegra, buscando-se não fragmentar o pensamento do entrevistado. Foram feitas também pesquisas com imagens, apresentadas em contraponto antigo-novo na edição, como será analisado adiante.

Esta formatação da pesquisa e do texto jornalístico leva-nos a um questionamento sobre o tempo no chamado *newsmaking*. No texto “Os jornalistas e sua máquina do tempo”, Schelesinger (1993) analisa que os jornalistas são membros de uma cultura altamente cronometrada. A notícia tem uma qualidade efêmera e transitória, é altamente deteriorável, especialmente no rádio e TV.

Segundo a pesquisa feita por Schelesinger (op.cit.) junto aos jornalistas da BBC de Londres, o domínio da pressão temporal é um meio de manifestar profissionalismo. É a adrenalina que surge no imediatismo das situações extraordinárias que parece ser a “essência” da profissão. Conseqüência: o jornalismo é tido como naturalmente superficial. “É assim porque tem que ser”. Será que a concepção de notícia e a cultura profissional é que foram adaptadas ao jornalismo industrial? (Schelesinger, 1993, p. 188-189).

“As contingências são efetivamente criadas pelo ciclo do dia noticioso. Se a notícia não fosse definida como aquela que tem que ser encaixada em vários *slots* num ciclo diário, o caráter do trabalho dos jornalistas, e



da própria notícia, poderia ser, e seria, diferente.” (Schelesinger, 1993, p. 189)

É fato que em uma revista experimental podemos ter mais tempo para a pesquisa, mas a pressa na produção pode ser justificativa para a superficialidade e a fragmentação? Foram questões como esta que levaram os alunos a repensar as práticas profissionais do mercado e a experimentar novas formas de apurar, redigir e expressar significados por meio de imagens e *layouts* criativos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Pelo fato de ser o tempo um tema demasiado abstrato, nem sempre o discurso verbal é o mais adequado para expressar certas idéias. Da mesma forma, em alguns casos, as imagens também podem não ser as melhores soluções para passar determinada informação. O grande desafio dos estudantes foi pensar as melhores maneiras e linguagens para transmitir o conteúdo de suas matérias além do campo textual ou para dar continuidade às suas histórias agregando fotografias, ilustrações, layouts e outros recursos.

A integração destes elementos tem como finalidade formular um discurso melhor articulado, onde cada um tem seu significado e função definidos dentro da totalidade. Para atribuir corretamente tais significados através do recurso ideal, é importante saber que "todo discurso deve dizer algo e, de preferência, algo novo. Ou seja, deve informar e transformar a situação do outro (...) Essa capacidade de dizer a mesma coisa de modos diferentes é o que lhes confere dinâmica e criatividade e o que atrai o leitor." (FREIRE, 2007:37). Portanto, a intenção não é a de estabelecer uma "ditadura da forma", tampouco a de comprometer o apelo visual da revista, mas sim equilibrar os elementos e seus respectivos discursos da melhor forma possível, como será mostrado ao longo deste trabalho.

4.1 Soluções pesquisadas

A edição temática gerou soluções diferenciadas em aspectos diversos da revista. Um exemplo é a mudança e adaptação dos nomes das editorias. O reconhecimento da subjetividade no processo de produção jornalística aparece

claramente já nos nomes adotados para agrupar as matérias: Crenças, Deleites, Esquecimentos, Transições, Vivências e Mundos.

Outra adaptação do projeto original da revista em função da edição temática ocorreu quanto aos selos localizados no canto superior direito de algumas das páginas ímpares. Normalmente utilizados na forma de triângulos compostos por riscos, os selos têm uma cor diferente dependendo da editoria em questão. A mudança nesta edição ocorreu no formato deste elemento, que deixou de ser triangular para adquirir semelhança icônica com uma ampulheta, símbolo que faz referência à passagem do tempo. Para realizar isso, passou-se a utilizar dois triângulos (um superior e outro inferior), que mudam de espessura conforme avançamos na revista. A idéia é reproduzir o movimento da areia na ampulheta, que cai da parte de cima para a de baixo à medida que o tempo passa.

As fotografias também tiveram um papel muito importante na construção de significados dentro do projeto gráfico-editorial da revista. Na reportagem já citada sobre o presídio masculino (ver páginas 33 a 39 da revista), as fotos da estudante de Jornalismo Patrícia Araújo acompanham o caminho percorrido por alguém que acaba de ser preso até o cárcere. A legenda de cada imagem evidencia esse caminho: “Na delegacia: o início de uma longa espera”, “À espera da sentença” e “À espera da liberdade”. Jorge Pedro Sousa (2001), em “Elementos do Jornalismo Impresso”, ressalta a importância da interação entre a fotografia e outros elementos para que a produção de significado jornalístico seja satisfatória. “O texto é um elemento imprescindível da mensagem fotojornalística. Embora fotografia e texto não sejam estruturas homogêneas (...), não existe fotojornalismo sem texto.” (SOUSA, 2001:444).

Em outra matéria também já referida, “Fortaleza: Temporalidade e vivências urbanas”, Marcelo Andrade e Camila Garcia chamam atenção para a desvalorização dos elementos históricos que compunham a identidade da cidade e que hoje em dia são irreconhecíveis. Antigas fotografias de arquivo foram postas lado a lado com outras tiradas no mesmo local hoje em dia. Neste sentido, também pode ser observado na matéria algo que já foi notado por Sousa e é reiterado por Barnhurst no livro “*Seeing The Newspaper*”, quando explica que “as imagens, quando associadas a textos, tendem a facilitar a presentificação de informação após o seu consumo” (BARNHURST, 1994: 96). Na matéria, as imagens serviram como uma extensão do que é dito no texto sobre o contraste entre as épocas, além de despertarem interesse devido ao seu caráter

documental. Apresentam-se fotos do Palácio do Plácido em 1930 e em 2007, do antigo Mercado de Ferro em 1909 e em 2007 e do Seminário da Prainha em 1905 e em 2007.

Os cuidados com a pesquisa para a elaboração de um *design* gráfico coerente também fizeram a diferença na oitava edição d' A Ponte. Exemplo disso está na matéria “Dos 15 minutos de fama ao sucesso”, na qual Ilo Aguiar e Renata Jaguaribe se aprofundam e dedicam um espaço para algumas pessoas que tiveram seus poucos instantes de fama e que, depois, caíram no ostracismo. Aqui, o discurso do texto encontra sua continuidade visual no *design*, que, fazendo claras referências à *Pop Art*, também menciona a figura de Andy Warhol, precursor da corrente artística e autor da célebre frase que serve de mote à reportagem: “no futuro, todos terão seus quinze minutos de fama”.

Nesse caso, partiu-se da premissa de que “um bom *design* é culturalmente dependente - o que funciona num contexto pode não funcionar noutro.” (LESTER, 1995, p.176). Era preciso avaliar se a referência cultural funcionaria não apenas esteticamente, como semanticamente também. A estética da *Pop Art* foi captada por meio das fotos de Laurêncio Lima, que, tratadas por Caio Castelo, passaram a ter um visual semelhante às criações de Warhol, que utilizava a técnica de reprodução em *silk screen* para retratar personalidades como Marilyn Monroe, Elvis Presley e Mao Tsé-Tung. A diferença é que dessa vez as personagens eram artistas locais, como Poliana Barbosa Moraes, que já foi conhecida como a garota propaganda das lojas Paraíso, e Dudu Freitas, ex-baixista da banda O Surto. Ao avaliar o processo de edição desta matéria, vemos que

“O discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros enunciados que são comentados, parodiados, citados etc.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 55).

Portanto, ao mesmo tempo em que a reportagem cita a *Pop Art*, o *design* e a fotografia chegam a realizar uma paródia do movimento ao mostrar “quase famosos” da cena local da mesma maneira que Warhol representava personalidades celebrizadas em nível mundial.

Outra diagramação que vale ser mencionada é a da matéria “O personagem onipresente”, de Pery Negreiros (ver páginas 13 a 16 da revista). Apesar de o assunto ser sobre o tempo nas obras cinematográficas, não há qualquer referência visual ao cinema, a não ser uma pequena imagem do filme “Irreversível” na primeira página. O que se procurou fazer foi elaborar um *design* que fugisse do óbvio e fosse, ao mesmo tempo,

informativo e econômico, levando em conta que “o design deve propor a formulação mais direta, clara, concisa e objetiva, assim como o jornalismo. Um *design* enxuto (econômico) é mais compreensível do que um profuso.” (FREIRE, 2007:38).

Desta forma, buscou-se evitar o senso comum e não encher a página com cenas de filmes, mas sim estender o significado do título para a diagramação, literalmente, ao pé da letra. A letra T presente no título ganhou mais tamanho e destaque, mas sem se dissociar da palavra “onipresente”, na qual estava contida. Ao virar a página, aparecem também as letras E, M, P e O distribuídas nas duas páginas seguintes e tão grandes e destacadas quanto a inicial. Assim o tempo fez-se onipresente não apenas nos filmes citados, como também nas três páginas da matéria.

Já em “Entre os céus e a terra” (ver páginas 4 a 7 da revista), reportagem de Vicky Nóbrega com fotografias de Marília Camelo, a integração entre forma e conteúdo se dá através de uma pequena transgressão do projeto gráfico original. Apesar de o projeto ser elaborado para conduzir a forma com que a revista se apresenta visualmente, ele pode ser alterado em algumas situações nas quais “será útil enveredar por modalidades pós-modernas e experimentais de design: a desordem gráfica planeada, em certos casos, poderá ser mais representativa do que a ordem tranquila, mas forçada, do design moderno, marcado pelo seu carácter helvético.” (SOUSA, 2001:382).

Mesmo assim, a solução encontrada não chega a ferir a essência do projeto: em “Entre os céus e a terra”, são expostos dois pontos de vista em relação à previsão do tempo: o de um pai de santo babalorixá, ligado ao misticismo, e o de um astrólogo, mais empirista. O título ficou dividido em duas partes: “Entre os céus...”, nas duas primeiras páginas, ambientadas com ídolos e simbologias presentes na casa do babalorixá; e “...e a terra”, nas duas últimas, que contêm apenas o texto e uma foto do astrólogo num ambiente comum. A continuação do título só pode ser vista ao virar a página. Dessa maneira, o design se vale da disposição diferenciada de um elemento textual para evidenciar as diferenças entre os dois entrevistados, descritas no texto da matéria, como no trecho:

“Para o astrólogo Akita e o babalorixá Alex do Xangô, as previsões do futuro são benéficas ao ser humano. Alex acredita que suas previsões representam uma segunda chance dada por Deus para que as pessoas se previnam do que pode vir a acontecer com elas mesmas. E Akita não diverge, mas defende que a astrologia, e não ele, possibilita o autoconhecimento e a aproximação à essência humana.” (NÓBREGA, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 5)

4.2 A capa

Última parte a ter sido concluída, a capa deste oitavo número lidou com o mesmo dilema que o resto da revista: adaptar-se ao caráter temático da edição sem comprometer a identidade do produto. O Doutor em Comunicação Francisco Laerte Magalhães explica que

“As capas das revistas, como espaços de materialidades discursivas, são lugares em que se encenam e insinuem atos e fatos imagísticos, rituais de sedução, persuasão e informatividades, segundo pontos de vista, maneiras de perceber (e fazer ver/ ler) plástica e lingüisticamente o mundo.” (MAGALHÃES, 2003, p. 63).

Usualmente, A Ponte trabalha tais materialidades discursivas nas suas capas por meio da fotografia e dando maior destaque a uma determinada matéria. Dessa vez, no entanto, decidiu-se por uma capa temática. Assim, a diferença gerada visualmente (e, portanto, percebida antes) insinua ao leitor que esta edição se propõe a algo novo, ao mesmo tempo que busca persuadi-lo a descobrir o que é.

Por ser o tempo algo conceitual demais para ser fotografado e pela necessidade de refletir esteticamente uma peculiaridade surgida na edição, a solução mais funcional foi uma ilustração sobre o tempo e suas nuances. Exclusivamente composta por tipos e elaborada pelo estudante de Jornalismo Caio Castelo, a capa traz quatro chamadas e uma manchete principal, que se mistura ao conteúdo da ilustração e que diz simplesmente “Tempo”.

Os tipos que compõem a imagem são as letras T, E, M, P e O. Vemos nela quatro letras T maiores e mais escuras que as demais, que por sua vez estão amontoadas no topo delas ou na parte inferior da capa, algumas delas como se estivessem caindo (modo como a manchete principal é apresentada). Devido à semelhança do T da fonte utilizada com o caule de uma árvore, sobretudo com as outras letras menores agrupadas acima dela como folhas e formando algo que lembra uma copa, não é difícil associar a imagem a uma paisagem. As letras amontoadas abaixo são como folhas caídas. Se somarmos isso às cores utilizadas nelas, constatamos a construção de uma atmosfera que remete ao outono.

As referências ao tempo contidas na ilustração procuram não tratá-lo simplesmente como algo linear: as folhas caídas, caindo e as que ainda formam a copa das árvores expressam não apenas passado, presente e futuro, como também seu aspecto cíclico e efêmero, na referência a uma estação do ano, o outono, no caso. Mas a



mensagem captada imediatamente, devido às cinco letras espalhadas pela página formando uma paisagem que faz parte do nosso mundo inteligível é a de que o tempo está por toda parte.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO: ARTE E JORNALISMO

A revista A Ponte nº. 8 resultou em uma publicação de 84 páginas, com 16 reportagens distribuídas em oito editoriais, já descritas. Dispõe ainda das seguintes seções fixas: Cartas, Ensaio, Artes, Crônica e Opinião.

Na edição nº 8, o estudante e fotógrafo Laurêncio Lima fez um ensaio no Cemitério São João Batista e lhe deu o título de “Guardiões da saudade”. O fotógrafo buscou valorizar detalhes desse cenário que nos levam a reflexões sobre o efêmero e o eterno, duas características antagônicas que de alguma forma se confundem no lugar. Para abrir a seção, o próprio Lima verbalizou essa relação criando um poema:

“Lembrança de fé e memória divina
Na cidade do silêncio um pensamento se descortina
Corpos inertes são matérias celestes que celebram a partida

Testemunhos de vida
Eles são os sentinelas duma saudade sem fim

Entre a terra e o firmamento
Os passageiros dessa vida descansam de sua lida
Num sono incessante que transporta para a
Esperança de um despertar constante

Mas seus guardiões não estão tão imóveis assim...
Movem-se, falam e escutam tantas preces
Que o inerte se reverte e a mudez se converte
Em estátuas dançantes e imagens falantes

E a cidade calada
De repente torna-se música
De repente torna-se poesia
Pela nostalgia dum andante” (LIMA, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 51)

Na seção Artes, aparecem dois trabalhos igualmente relacionados ao tema da revista: a pintura “Tempo para te esperar”, da artista plástica e estudante de Jornalismo Emília Vidal Porto; e a poesia “Tempo Morto, Tempo vivo”, da estudante de Jornalismo Rosanni Guerra, esta última inspirada no texto da historiadora Ecléa Bosi (2003), discutido em sala de aula durante a preparação da revista.

A seção Crônica, que traz “Quando a morte é bela”, de Humberto Torres, foi ilustrada com fotografia de Laurêncio Lima que mostra uma flor vermelha se destacando sobre a lápide de uma sepultura, em meio a um cemitério cinzento. A imagem dá continuidade à mensagem transmitida pela crônica sobre os múltiplos significados da morte.

A fotografia de Haroldo Sabóia, na reportagem sobre as profissões em extinção, de Sofia Laprovitera e Tatiana Marques, na página 29, complementa o sentido do texto, ao mostrar uma série de manequins enfileirados, sendo que somente o primeiro tem a cabeça. A foto, feita em um ateliê de um antigo alfaiate, contribui para que o leitor perceba, desde o primeiro olhar, a decadência da profissão.

Como se pode perceber, a arte e a poesia estão presentes e cuidadosamente combinadas em toda a edição, em forma de fotografia, *design* e texto. A arte, que foi inspiração para as discussões iniciais sobre a temática do tempo, continuou freqüentando o imaginário dos alunos durante o processo de preparação das reportagens e de edição dos textos. Na reportagem sobre o tempo nos presídios, as autoras Ivna Girão e Niara Rocha abrem o texto com uma poesia de Renan Beck, do grupo Racionais MC's, intitulada “Diário de um Detento”. Na mesma página, uma fotografia produzida pelo estudante Raphael Villar ilustra a angústia da espera pela liberdade, com símbolos relacionados à passagem do tempo, como traços riscados na parede. Vê-se ainda as sombras das grades por trás do detento, que tem o rosto coberto. O ar sombrio da fotografia enfatiza a idéia de angústia.

São referências contemporâneas, que refletem a fluidez das fronteiras entre os significados produzidos pelo jornalismo e pela arte. Conclui-se, a partir desta experiência, que a arte e o jornalismo são perfeitamente compatíveis, seja complementando-se de forma harmônica, ou ajudando a produzir questionamentos e incômodos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos a edição nº 8 da revista A Ponte do Curso de Jornalismo da Unifor como um produto jornalístico contemporâneo, no sentido de que utilizou a fotografia artística e a pesquisa em arte e *design* como expressões de linguagem para refletir significados, adequando-os à complexidade da temática “tempo” e aos vários pontos de vista possibilitados pelas pautas. Ao longo da revista, os signos se reforçam, instigam a questionamentos ou complementam o sentido dos textos. A preparação dos alunos



procurou proporcionar chaves de leitura para a compreensão da realidade, incentivando-os a ir além dos estereótipos com que o jornalismo em geral trata pessoas e situações. Neste sentido, leituras de textos de sociólogos, historiadores e antropólogos foram fundamentais para alimentar o desejo de ampliação dos horizontes de compreensão do mundo. No entanto, foi principalmente a arte aliada à comunicação – por meio de suas múltiplas linguagens e combinações possíveis – a fonte de inspiração desta revista sobre o tempo.

REFERÊNCIAS

- BARNHURST, Kevin G. **Seeing the Newspaper**. New York: St. Martin's Press, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, Hucitec, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREIRE, Eduardo Nunes. **A influência do design de notícias na evolução do discurso jornalístico**. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Salvador, UFBA, 2007.
- LESTER, Paul Martin. **Visual Communication: Images With Messages**. New York: Wadsworth Publishing Company, 1995.
- MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. **Veja, Istoé, Leia: produção e disputas de sentido na mídia**. Teresina: Edufpi, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SCHLESINGER, Philip. “Os jornalistas e sua máquina do tempo” In: TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 1993.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001